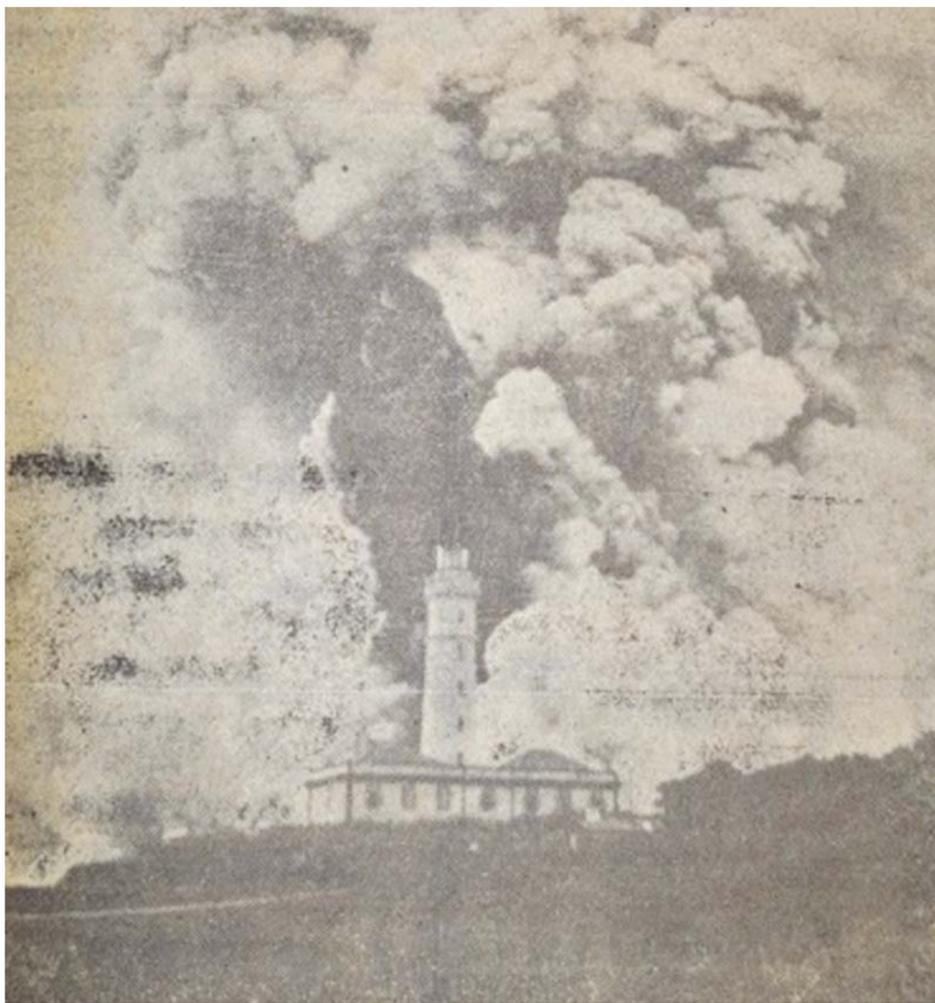


A ligação entre os açorianos históricos do século XX



Fazem-se públicas preces ao Espírito Santo”, informava a edição de 27 de Setembro do Diário.

A erupção vulcânica foi ganhando força e com a mesma muitas foram os artigos dedicados a esta temática no jornal, dando a conhecer a grandiosidade que o mesmo foi ganhando ao longo dos dias: “O vulcão, na tarde de 29 atingiu impetuosidade. Imaginem um colossal repuxo, com jactos de água e novelos de metros, de mistura de quando em vez, com enormes pedras arremessadas em impulsos de trovão. O fumo vai formando uma nuvem pairando a mais de dois mil metros, bem visível da cidade. Na manhã de hoje o vulcão dos Capelinhos ainda me parece ganhar mais fúria. Pela primeira vez, aqui na cidade, ouvimos os estrondos das suas tremendas explosões.”

Dias mais tarde, seria noticiada a magnitude deste evento: “O vulcão dos Capelinhos, pela sua grandeza, deixou de ser um vulcão do Faial, dos Açores, de Portugal. É um vulcão a mais no mundo, despertando as atenções neste ano que a Ciência dedicou aos estudos geofísicos. A rádio, a imprensa o cinema, a televisão vivem na galopada de registar o acontecimento, e das mais diferentes e longínquas origens os profissionais ocorrem à colheita de informações e imagens. Portugal, com o sacrifício dum das suas parcelas insulares, dá assim um contributo portentoso e o nome do Faial e do seu povo corre o mundo na grandiosidade do acontecimento.”

Este fenómeno natural só viria a aca-

bar no ano de 1958 e com ele a perpetuar de um dos momentos, cujos traços do antecedente activo vulcão, ainda perduram e rodeiam o farol que outrora indicava o caminho de que por lá aportava.

Sismo dos Açores 1980

Em 1980, o Arquipélago dos Açores era atingido por um dos sismos mais violentos da história do país e da região, totalizando um total de 73 vítimas mortais e mais de 400 feridos. O dia 1 de Janeiro começava da pior forma, trazendo

consigo meses de angústia e dificuldades, dada ao cenário de destruição que assombrou a região.

A ilha Terceira, porém foi a mais afectada. A intensidade do sismo, de magnitude de 7,2 na escala de Richter, contribuiu para que o mesmo afectasse em simultâneo as ilhas da Graciosa e São Jorge, causando danos irreparáveis e na desabamento de edifícios e casas, deixando algumas áreas sem electricidade e água. O sismo também foi sentido nas ilhas do Pico e do Faial, da qual resultou numa factura de deslize no Arquipélago dos Açores.

Este trágico acontecimento foi notícia de primeira página na edição do dia 2 de Janeiro do corrente ano: “Tudo começou a meio da tarde de ontem, pelas 15.42 minutos, um forte abalo de terra foi sentido, em todas as ilhas dos Açores, mormente no grupo central. Terceira, S. Jorge, Pico, Faial e Graciosa. Com o epicentro situado a cerca de 50 quilómetros a sueste na ilha Terceira, mais propriamente no banco piscatório os D. João de Castro, o sismo atingiu naquela ilha o grau 8 da escala de Richter, decrescendo nas restantes, sendo em S. Miguel de 3/4”, descrevia o periódico, continuando a explicar os factos: “Quase no mesmo instante em que se dava o sismo, a energia eléctrica foi cortada, a água deixou de correr nas casas e as comunicações telefónicas ficaram interrompidas.”

A onda de destruição avistada após o abalo foi descrita e as evidências das mesmas foram bem patentes nas palavras recolhidas para contextualizar o sucedido: “Enquanto que na Terceira, principalmente na cidade de Angra e freguesias vizinhas, assim como na costa oeste e norte ruíram centenas de casas, na ilha de S. Jorge, no lugar do Topo, apenas um edifício ficou de pé. Em Velas e Calhetas inúmeras casas ruíram. O Instituto Geológico dos Estados Unidos informava que o abalo ocorrido não nos Açores fora o mais forte dos últimos 20 anos.”

No decorrer dos dias o cenário piorava com a consequente subida do nú-

mero de vítimas mortais e de feridos: “Estima-se entre 40 a 50 mortos, números sujeitos a confirmação, o balanço da catástrofe que desabou sobre os Açores, no primeiro dia do ano. Relativamente aos feridos, e de acordo com últimas informações, foram cerca de 300, dos quais, 100 internados politraumatizados ainda em estado muito grave”, lia-se na edição de 4 de Janeiro.

A onda de solidariedade e de ajuda que provieram desta catástrofe também foi destacada pelo periódico: “Entretanto, chegaram, já à ilha Terceira um avião «DC-9», proveniente da Suíça, com diverso material de apoio, nomeadamente 300 tendas, enviado pela Cruz Vermelha Suíça. Um outro avião americano, pedido às forças militares dos Estados Unidos, descarregou mais 300 tendas. Ainda ontem chegou um avião proveniente da Alemanha, que transportou, para além de outro material, cerca de 500 tendas para os sinistrados. Hoje um avião da ONU descarregará na Terceira, mais de 1200 tendas. Segundo informações do Centro de Coordenação em Angra do Heroísmo, a situação nas ilhas Terceira e São Jorge é calma, continuando a verificarse um elevado espírito de solidariedade para com as populações atingidas.”

O infortúnio desta tragédia acarretou consigo, as preocupações envoltas no reerguer da cidade de Angra, tendo-se iniciado estudos para a sua restauração e consequente protecção.

Assim sendo, como alternativa e meio de adquirir meios para a sua reconstrução, a cidade de Angra adere à Unesco como Cidade Património Mundial, tendo sido classificada como Património da Humanidade a 7 de Dezembro de 1983, reflectindo em simultâneo a importância histórica e cultural da mesma.

No entanto, apesar de conseguir se erguer, a verdade é que muitos dos seus residentes optaram por emigrar para reconstruir novamente as suas vidas.

*jornal@diariodosacores.pt

